

"NARCISO E A MORTE PRECOCE DE ÉDIPO: UM MITO DO ANALISTA"

Maria Beatriz Romano de Godoy

 As leis originárias constituem uma casca; em seguida novas leis alargam aquela casca. Se se tratasse de uma prisão material, poderíamos esperar que as paredes da prisão fossem, de algum modo, mais elásticas. Se isso não ocorre, as organizações desenvolvem uma casca dura e conseqüentemente ali não pode haver expansão, porque a organização fechou por dentro.

... É como um animal que se protege fazendo crescer em torno de si uma casca. Que acontece quando o animal cresce? O que ocorrerá à couraça e ao animal? Qualquer pássaro tem bastante bom senso para romper a casca do ovo e dela sair. O fato curioso é que parece que a própria mente é capaz de produzir uma cápsula para si mesma."

(Bion, W. – Entrevista concedida a A. G. Banet, publicada em "Groups and Organization Studies", 1, September, 1976, 3, Copyright 1976, by University Associates Inc., pp. 268-85. Traduzida da versão italiana realizada por Anna Barussi, em "Il Cambiamento Catastrófico".)

REVISTA IDE, SP(26) 17-25, 1995.

INTRODUÇÃO

A escolha de um trabalho em psicanálise é motivada, com frequência, pela necessidade do psicanalista refletir sobre a natureza dos encontros e desencontros que a clínica em si mesma, no seu cotidiano, oferece. Portanto, para refletir sobre certas especificidades da relação paciente-analista, faz-se necessário voltar nossos olhos, transformados em lentes de aumento, para essa relação, a fim de sermos capazes de levar a cabo tal empreitada.

Durante muito tempo, ao me dedicar ao estudo do Narcisismo ou em minhas supervisões, onde discutia casos “empacados” – considerados difíceis – procurava compreender se era devido às resistências narcísicas a falta de *insight* e ausência de resultados terapêuticos, se deveria atribuir estas dificuldades às minhas limitações enquanto analista, ou como poderia articular ambas durante o trabalho com tais pacientes.

Há alguns anos, acompanhando uma análise considerada por mim como emperrada, difícil, tentando refletir sobre os inúmeros momentos onde a reação terapêutica negativa dava o clima na relação transferencial e, antes de ter uma noção mais precisa da teoria bioniana, me defrontei com a teoria de Steiner sobre as Organizações Patológicas. Foi também a consequência oriunda da busca por uma teoria que desse sentido às observações que a clínica oferecia.

Refletir e escrever sobre as organizações defensivas patológicas da personalidade é mergulhar nas águas das perturbações narcísicas. Se por um lado isso é um fato, por outro, elas constituem uma categoria diferenciada de distúrbio, que chamou a atenção dos psicanalistas pelo nível de organização das defesas, pela sua rigidez e pelo desespero que acompanha a ansiedade, ante a falência ou perigo de falência desse sistema, pelas análises repetitivas e sem perspectiva que acompanham tais pacientes. Além disso não é apenas mais uma defesa, mas um sistema estruturado de defesas que constitui, em si mesmo, um distúrbio, por ter aspectos e características marcantes e próprios. Não se trata de uma perturbação narcísica qualquer, mas as que estão marcadas pelo narcisismo destrutivo, conforme Rosenfeld e Meltzer (1988, 1991).

A minha intenção com este trabalho é ampliar uma reflexão anteriormente feita. Com a ajuda de um caso clínico, examinado agora também à luz de alguns conceitos da teoria bioniana, ampliar

a compreensão de como os aspectos de um narcisismo destrutivo, agrupados numa organização mental defensiva patológica, podem dificultar o trabalho analítico, constituindo para o analista uma intrincada teia aprisionante, impeditiva de relação e pensamentos férteis, criativos e, conseqüentemente, de um processo de análise produtivo.

Tentarei mostrar como o pensamento, as associações e capacidade de rêverie do analista podem ser retomados, quando sua capacidade de sonhar e de pensar pode ser resgatada como um recurso inestimável para a compreensão e estratégia do trabalho analítico desenvolvido.

No caso em questão, o "sonho" refere-se em verdade aos devaneios ocorridos com a analista durante uma sessão, em que mais uma vez a paciente havia se refugiado em seu "retiro", deixando a analista excluída de qualquer contato. Esse sonho ligava os mitos de Narciso e Édipo em uma única história. Era um convite para sonhar com e através dos mitos a relação que a paciente não podia experienciar de outra forma. Um sonho, que eu classificaria como contratransferencial, pois sonhar é também difícil para estes pacientes. Serviu de suporte para muitas das indagações e reflexões sobre o tema proposto. Foi o *fato selecionado* responsável pela coerência e introdução de um começo de ordem na desordem.

DESCRIÇÃO DE UM CASO CLÍNICO: APENAS UM FRAGMENTO

A fim de descaracterizar e dificultar a identificação da paciente, alguns dados foram alterados ou suprimidos.

Trata-se de uma mulher de aproximadamente 45 anos, membro, há vinte, de uma comunidade religiosa muito restrita.

Essa mulher, a quem chamaremos de Regina, vem de uma família numerosa, de princípios morais rígidos.

Durante os três primeiros anos de sua vida, ela foi criada pela avó paterna, figura importante na estrutura familiar, já que colaborava nos serviços da casa e da numerosa prole – Regina tinha apenas um ano quando sua irmã caçula nasceu.

Quando a paciente tinha aproximadamente três anos, a avó faleceu, fato que lhe trouxe muito sofrimento.

Segundo Regina, sua mãe era perfeita, uma santa, mulher que nunca se exaltou, nem perdeu o controle. No entanto (ou por isso), era uma figura distante, sem arroubos afetivos. Seu pai, pelo contrário, de ascendência latina, era muito apaixonado, vivia tudo grandiosamente: tanto as brigas, os ódios, como o amor. Regina reclama com frequência que a mãe nunca tinha tempo para dedicar-se só a ela, enquanto o pai se mostrava carinhoso e preocupado com essa filha, de saúde mais frágil que os demais, porém mais bonita, inteligente, viva e esperta.

Até os 11 anos, sentava no colo do pai, mas, numa ocasião, ele a proíbe rispidamente de continuar a fazê-lo, após receber uma admoestação da mulher. Os pais discutiram, brigaram por isso, fato que a marcou, sendo lembrado por ela com frequência.

Regina relata ter vivido infância e adolescência povoadas de proibições, culpas, medos e conflitos. Por um lado, sua intensa erotização e, por outro, fortes condenações. Sentia que sua beleza, seus dotes intelectuais, criativos e afetivos eram condenáveis, bem como sua ambição e seu desejo de se sobressair. Aos 18 anos começa a pensar em fazer parte de uma comunidade religiosa. Escolhe uma, rígida e fechada, onde não lhe seria permitido nem ir ao encontro de seus familiares mesmo por um motivo extremo como a morte de um deles.

Comunica a decisão aos pais que não se opõem, concordam, deixam-na ir sem mesmo tentar impedi-la. Regina identifica essa omissão, às vezes, como um indício de sua total independência, outras, como algo que reforça seu sentimento de profundo abandono e falta de importância para eles.

Passa a ter um ideal: ser uma santa. Imagina que, se dedicada, logo seria reconhecida como alguém muito especial e que seria santa também.

Passa mais de dez anos nessa clausura absoluta, durante os quais tem um percurso brilhante, sendo considerada um elemento promissor, capaz de vir a assumir cargos e funções de destaque. A partir daí acontece uma grande mudança nas normas da comunidade: tudo deveria ser mais aberto e atualizado. Não era mais permitido continuar com a clausura absoluta, à qual estava habituada, nem tampouco continuar as sessões de autoflagelação, que relata terem sido frequentes durante esse "exílio" voluntário.

Regina vai estudar Psicologia. Ao final de sua formação é indicada para assumir um cargo importante. Não agüenta. Abandona tudo, tem uma estafa e fica muito doente.

Tudo vai dando errado e ela conta como vai se deteriorando psiquicamente. Passa a se descontrolar tendo crises de violência, cria conflitos com as outras colegas, com padres, até ser transferida de casa em casa, por oito vezes, na tentativa de encontrar uma à qual se adaptasse. É encaminhada à análise pela superiora da última, com a advertência de que, se não melhorasse, seria convidada a se retirar da comunidade.

Regina vem me procurar com muita dor e sofrimento. Humilhada, revoltada e cheia de indagação, como "uma rainha destronada, sem súditos e sem poder" (sic). Mais tarde venho a compreender que essa dor fazia parte da necessidade sadomasoquista que precisava ser imprimida às relações, fosse consigo mesma, fosse com o outro. Tal sentimento retorna sempre, principalmente quando alguma perspectiva de desenvolvimento se anuncia.

A relação comigo foi, desde o início, muito tumultuada. Levamos inúmeras sessões às voltas com sua clivagem: uma parte do self necessitava fazer análise, a outra exercia forte resistência à mesma. Os transbordamentos afetivos, ora carregados de amor, ora carregados de ódio, somados ao fato de que ela sequer me ouvia, davam a impressão de que Regina não tinha corpo, parecendo um fantasma que se abrigava na alucinação onipotente para preservar-se.

Esteve em análise durante dez anos, dois dos quais vinha duas vezes por semana e, nos outros, passou a vir três. Responsabilizou-se pelo pagamento dessa terceira sessão, fazendo bordados e vendendo-os, pois a congregação não se propunha a pagar sua análise integralmente.

A paciente sempre se sentiu carente, descrevendo inúmeros fatos com a finalidade de justificar sua falta de atenção, de amor e de importância. Nas poucas vezes em que relatou ter sido alvo de cuidados, houve sempre dúvidas quanto à qualidade desses, por parte de seu pai, mãe, avó ou mesmo de seus irmãos. Parece ter tentado ser para eles especial de alguma forma, mesmo que fosse pela doença, pela beleza, pela excitação que lhes causava. Por ocasião da morte da avó conta ter ficado mal, doente. A madrinha queria levá-la para morar com ela, mas a mãe não permitiu. Conta isto para ilustrar como nunca teve lugar na casa de seus pais, ao mesmo tempo que salienta que todos a queriam.

Comigo, havia, desde o início, sinais de rejeição pela minha figura, pelo meu modo de vestir, pela minha voz, pelo meu jeito de ser, até pela minha sala. Dizia que eu deveria ser diferente, pois assim eu sairia ganhando.

Tudo a incomodava, mostrava me desprezar. Ao mesmo tempo tinha forte necessidade de me tocar, de me abraçar e sentimentos de ódio intenso, desespero. Oscilava com frequência entre arroubos de violenta paixão por mim e indiferença.

Nem sempre agüentava esperar pela nossa próxima sessão: ligava para ouvir a minha voz, ou marcava sessão extra, nos momentos mais graves, quando se sentia inundada de angústia e/ou culpa pelas brigas ocorridas com as colegas e suas conseqüências.

Descobriu, conversando com pacientes que aguardavam na sala de espera, que havia um outro analista com o meu sobrenome. Acabou deduzindo que era meu marido e passou a ficar horas em frente ao prédio, cujo endereço encontrara na lista telefônica, até me ver sair, fosse debaixo de chuva, ou à noite. Ligava para minha casa de madrugada para ouvir minha voz e desligava. Fatos esses que vim a conhecer posteriormente, pois faziam parte do seu segredo e do seu controle onipotente. Tentava atacar-me, informando-me de seu amor e admiração pelo "meu marido" e em muitas situações revelava seu desejo sexual por ele e, às vezes, por mim também. Comparava-se a mim, para triunfar sobre mim, na maioria das vezes, nos nossos primeiros encontros.

Os primeiros anos de trabalho foram marcados insistentemente por um discurso, do qual a tônica era reclamar sempre de uma colega, segundo ela, responsável por todo seu sofrimento. Havia um lamento presente que ia para um passado distante e dele retornava, uma forma de me cobrar uma solução e um alívio. Demorei a perceber que essa era também uma das senhas usadas como um código para mostrar que nada que eu dissesse seria ouvido, que nenhum contato seria feito. Ela não estava lá para ouvir minhas palavras. Isso poderia durar algumas sessões ou meses de análise. Só seu corpo e seu discurso, vazios, vinham às sessões.

COMENTÁRIOS TEÓRICO-CLÍNICOS SOBRE O CASO

Com muita persistência, fomos juntas descobrindo sua necessidade maior: que eu lhe oferecesse o meu espaço interno

psíquico para que ela nele se aninhasse. Seu equilíbrio, sua confiança, até sua capacidade para tolerar a dor e continuar, apesar do imenso sofrimento, dependiam desta minha oferta. Nem sempre possível, nem sempre alcançável. Após muitos desencontros, fomos conseguindo mais encontros.

Durante uma sessão, mais uma vez Regina contava em detalhes outra briga com as colegas da casa onde viviam, "espumava" de ódio e qualquer palavra que eu tentasse dizer era desconsiderada. Eu me sentia dispensável. Ela explica: conta dos planos de ir se queixar ao Papa, que o lugar dela era outro e que só lhe dariam alguma importância após sua morte. Ou a de sua superiora. ***Uma das duas teria de morrer.*** Mas fala tudo isso para si mesma, como se estivesse pensando alto, às vezes delirando e alucinando. Havia um duplo convite: ou eu aceitava a morte que sua exclusão me remetia, calando-me e à minha possibilidade de continuar pensando, ou encontrava uma alternativa que garantisse vida e criatividade à minha condição de ser sua analista, tentando preservar também a sua análise. Ao não me sentir vista, enquanto Regina falava, vejo-me associando os mitos de Narciso e Édipo, como se pertencessem a um sonho e suas histórias se unissem, compondo uma trajetória única, partes de uma só tragédia.

Comecei, ainda sem saber, a compreender que Regina, assim como Narciso, só poderia tentar recuperar suas condições de se relacionar com alguém se um outro ser lhe oferecesse amor. Refletindo, posteriormente, sobre esse instante pareceu-me que a catástrofe deveria ter ocorrido precocemente, antes que ela tivesse um aparelho psíquico mais desenvolvido que suportasse frustração, dor e sofrimento intensos. A paixão por si mesma parecia ser, de algum jeito, o desesperado encontro de um objeto para amar e acreditar ser amada. Só que um objeto ideal, o melhor, o mais bonito e perfeito, como compensação pelo dano sofrido. Não deveria sofrer mais nenhuma falta.

Vou também me dando conta de que, excluída de seu discurso, era ao mesmo tempo convidada a sonhar, e penso numa forma arcaica de Regina tentar recuperar sua trajetória: pela identificação projetiva eu me transformaria no lago/mãe, onde ao mesmo tempo, ela poderia se/me ver. Enquanto eu sonhava, ela devaneava numa parte de seu mundo interno cheio de ódios, queixas, lamentações e pedidos. Deveria sonhar com o futuro também, mas acolhê-la dentro de mim.

Acolher suas imagens, seus medos, a morte e um pedido truncado e trancado de vida. Mas não aprisioná-la em meu lago. Através do sonho, plantar dentro dela a vida psíquica. E deixar que florescesse. Sem pressa, mas com esperança.

Antes disso, até então, muito pouco tínhamos caminhado nesse doloroso processo inerente à experiência emocional que o conhecimento analítico, em particular, propicia. Eu a ouvia como se fosse apenas um receptáculo para suas evacuações de elementos beta, não podia lhe oferecer um continente que permitisse alguma transformação. Só aos poucos fui conseguindo sair desse lugar único e buscar o meu “retiro”, não como um refúgio para me alienar e me evadir da dor mental, mas para entrar em contato profundo com ela. Fui me sensibilizando com o seu sofrimento e começando a pensar o que teria impedido seu desenvolvimento que a levava a trancafiar-se por tantos anos, perpetuando impressões e emoções que deveriam permanecer sem se modificar. O que teria sofrido um terrível golpe, que apontava para uma catástrofe irremediável, condenando sua vida psíquica a atuações e a ser povoada por pensamentos concretos, sem a existência de sonhos nem de símbolos?

Ao me aproximar das idéias de Bion, refiro-me aqui, em especial, às que dizem respeito à função alfa, fui, gradativamente, começando também a perceber como Regina teve sua mente povoada de elementos beta, que por princípio não podem se transformar em elementos inconscientes, não permitem que haja repressão, supressão, nem aprendizagem. Quer dizer, as experiências emocionais não podem ser percebidas pela consciência como tal, ficando o sujeito num estado de indigestão mental. Passa a fazer sentido então, como uma pessoa que parece ter os sentimentos à flor da pele possa, ao mesmo tempo, não ter contato com sua realidade interna ou externa, não podendo portanto discriminar as experiências, simplesmente porque elas não chegam a sê-las. São fatos que se juntam ou justapõem mas não se articulam entre si internamente. Isto, para mim, é o “pesadelo” do qual o paciente precisa se livrar e, paradoxalmente, precisa manter através de sistemáticos ataques à função alfa pelo ódio e/ou inveja. Quando em análise, é o analista que transferencialmente se torna o representante a ser atacado. O paciente (re) vive assim a destruição, sempre atualizada, do contato consigo mesmo ou com o outro, revestindo os objetos vivos com atributos de morte. (Bion, *Aprendiendo de la experiencia* - cap. IV).

Seu discurso aponta para uma falta fundamental, de não se sentir vista, nem atendida em suas necessidades mais primitivas. Penso numa emoção violenta, num ódio gerado por frustrações insuportáveis, numa inveja primitiva perigosa que obrigou-a a um reforço das defesas para evitar a destrutividade e a morte, coexistindo com uma sensibilidade fina... Bion alerta para o risco... "o papel do amor ficar obscurecido, despercebido pela inveja, rivalidade e ódio excessivos" (Bion, *Aprendendo de la experiencia*).

Para ele, esses sentimentos poderiam deixar de incomodar se houvesse um ataque, uma destruição da função alfa e a necessidade de amor e compreensão ficasse deslocada para a incessante busca de poder e reconhecimento de sua supremacia sobre os demais; queria insaciavelmente ser a mais inteligente, a mais bonita, a mais culta... a mais. Ao mesmo tempo carregava uma injustiça por ter tido, desde sempre, menos. E como não pôde e não pode desfrutar da compreensão que a função alfa lhe daria, permanece sem saber quais são as suas dificuldades. Suas queixas, tentativas de evacuar os objetos bizarros que a rodeiam, são inúteis, vazias de elementos alfa que, portanto, não a livram da dor, permanecendo Regina num estado de desamparo e insatisfação sem fim.

À medida que vou tecendo essas reflexões, vai me ocorrendo a lembrança de uma poesia:

O VASO PARTIDO

*O vaso azul destas verbenas
Partiu-o um leque que o tocou:
Golpe sutil, roçou-o apenas,
Pois nem um ruído o revelou.*

*Mas a ferida persistente,
Mordendo-o sempre e sem sinal,
Fez, firme e imperceptivelmente,
A volta toda do cristal.*

*A água fugiu calada e fria,
A seiva toda se esgotou;
Ninguém de nada desconfia.
Não toquem, não, que se quebrou.*

*Assim, a mão de alguém, roçando
Num coração, enche-o de dor;
E ele se vai, calmo, quebrando,
E morre a flor do seu amor;*

*Embora intacto ao olhar do mundo,
Sente, na sua solidão,
Crescer seu mal fino e profundo.
Já se quebrou: não toquem, não.*

SULLY PRUDHOMME, 1958

(Trad. Guilherme de Almeida)

Ao escrever o primeiro trabalho sobre este caso clínico tão pungente, já se haviam insinuado estas palavras-poema, levando-me a alcançar a extensão do estrago vivido por Regina em sua vida psíquica, porém, agora, à luz do vértice bioniano, fico ainda mais sensibilizada: há um psiquismo que sofre de uma dor insuportável, em segredo, desesperado porque corre o risco de não ter mais esperança de que uma reparação seja possível.

O “sonho contratransferencial” parece ter me dado a chance ou **nos** dado a chance de compreender o que Narciso “matava” – a vida que o Édipo ainda desfrutou. Édipo pôde sofrer e tentar fugir da dor; Narciso, parece, nem em contato com a dor pôde estar. Suas chances de desenvolvimento morreram quando, pela indiscriminação, sua mente não podia sequer fazer uso das impressões sensoriais mais primitivas para prosseguir com o processo de desenvolvimento, identificando suas experiências emocionais. Se a água do lago secasse, nem mesmo a sua imagem poderia ser preservada, nenhum sentido ainda estaria vivo. Secaria o vaso-lago, morreriam para sempre as flores do amor.

Que esforço terrível, se penso numa estrutura como a que a organização patológica oferece, Regina inconsciente teria construído para segurar por tanto tempo alguma possibilidade de vida, suspensa e paralisada num convento tão fechado e rígido, marcado por tantos sentimentos contraditórios que explodem quando é decretada a abertura das normas da congregação! Veio com isso a mudança catastrófica. Explodiu a parte psicótica de sua personalidade, que se

viu invadida por objetos bizarros hostis, encarnados pelas colegas de congregação, até então, sem essa função.

Grimberg et al., (1973) nomeia essa etapa de pós-catastrófica, durante a qual... "a emoção se exterioriza claramente e a mudança se produz de forma brusca e através de uma evidente alteração da ordem estabelecida... a violência, antes mais circunscrita, se faz patente de maneira explosiva".

Regina foi adoecendo e perdendo (sua frágil) condição psíquica, expondo seus objetos internos, como um aglomerado de elementos beta, justapostos e ameaçadores. Como foi nesse estado debilitado, de profundo abandono e terror que ela chegou à análise, é possível conjecturar que a falência de suas defesas remeteram-na a um estado de profundo desamparo que ela deve ter vivenciado pela ausência de uma mãe que lhe oferecesse continência, pois isso é experienciado não só quando o bebê foi provido de alimento, mas se a relação com a mãe serviu de continente para as suas projeções-necessidades (capacidade de *rêverie* materna).

Era desse ponto que ela me pedia que retomássemos o seu desenvolvimento. Sua comunicação, confusa, é verdade, havia expressado uma mensagem que eu, cega pelas teorias e interpretações "selvagens", não me deixava tocar. Era preciso ter a coragem de viver os vínculos mais primitivos e mais intensos, onde o espaço psíquico pudesse tornar possível receber as projeções maciças e contê-las. Começava entre nós uma relação que permitiu o desenvolvimento de um vínculo, que hoje posso denominar de vínculo K. Até então os fatores característicos de nossa relação eram marcados por tão intensa destrutividade, por um despojamento de vitalidade e sentido que vivíamos, inconscientemente, condenando e julgando nossas "realizações". Nesse estado onde começo a construção do mito a serviço da compreensão do psiquismo de Regina, vou mergulhando numa criativa investigação que transpunha a sessão e me fazia vê-lo como um modelo útil, capaz de clarear o narcisismo destrutivo que permeava nossos encontros, respeitar as reações terapêuticas negativas presentes e, ao tomar conhecimento da teoria de Steiner sobre as organizações patológicas, mais a experiência árdua vivida na análise de Regina transformada em pensamento poder perceber que para lidar com casos assim era preciso lembrar de que lidava com um vaso de cristal trincado, ter a sensibilidade e cuidado no toque, sem esquecer da necessária firmeza que Steiner recomendava. Não podia

ser somente uma analista “esperta”, precisava ser e estar viva. Mas com sensibilidade e firmeza para não cair na perversão – convite freqüentemente feito – que de novo, ilusoriamente, deixaria de lado a dor mental substituindo-a por uma aparente e mentirosa vantagem.

Estas foram algumas relações e comentários decorrentes de uma aproximação às idéias e conceitos de Bion. São ainda incipientes, todavia descortinam uma possibilidade infinita de aprofundamento nas questões psicanalíticas quando a intenção é conhecer a mente humana, em especial, como ela se organiza, se relaciona e se desenvolve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BION, W. R. - *Aprendendo De La Experiencia*, trad. Haydeé B. Fernandez, Ed. Paidós, México, 1987.

_____ - *Estudos Psicanalíticos Revisados*, (Second Thoughts), trad. Wellington Marcos de Melo Dantas, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1988.

_____ - *Elementos em Psicanálise*, trad. Paulo Dias Corrêa, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1991.

_____ - (Entrevista concebida a A. G. Banet, publicada em “Groups and Organization Studies”, 1, September, 1976, 3, Copyright 1976, by University Associates Inc., pp. 268-85. Traduzida da versão italiana realizada por Anna Barussi, em “II Cambiamento Catastrófico”.) *Revista IDE*, SP(26) 17-25, 1995

_____ - *Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Não Psicótica*, in: *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da Teoria e da Técnica*, editado por Elisabeth Bott Spillius, trad. Maldelbaum, B. H., Vol. I, Ed. Imago - Rio de Janeiro, 1991.

GRIMBERG, L. ET AL. - *Introdução às Idéias de Bion*, trad. Themira de Oliveira Brito, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1973.

GODOY, M. B. R. - *Narciso e a Morte Precoce de Édipo: Uma Organização Mental Patológica a Serviço dessa Tragédia*, tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1994.

MELTZER, D. – Terror, Perseguição, Pavor – Uma Dissecção das Ansiedades Paranóides – In: *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da Técnica*, editado por Elisabeth Bott Spillius, trad. Mandelbaum, N. H., Vol. I, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1991.

ROSENFELD, H. – *Impasse e Interpretação*, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1988.

_____ – Uma Abordagem Clínica para a Psicanalítica das Pulsões de Vida e de Morte: Uma Investigação dos Aspectos Agressivos do Narcisismo, *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da Teoria e da Técnica*, editado por Elisabeth Bott Spillius, trad. Mandelbaum, B. H., Vol. I, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1991.

STEINER, J. – O Interjogo entre Organizações e as Posições Esquizo-Paranóide Depressiva, *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da Teoria e da Técnica*, editado por Elisabeth Bott Spillius, trad. Mandelbaum, B. H., Vol. I, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1991.

Maria Beatriz Romano de Godoy
R. Dr. Sampaio Ferraz, 45
CEP: 01433-050 São Paulo / SP
TEL: 885-1590